

## **Apontamentos sobre a história do conceito de notícia no Brasil – da imprensa colonial aos blogs políticos**

MENDES, Larissa de Moraes Ribeiro, doutoranda da Universidade Federal Fluminense (UFF-RJ) e professora da Universidade Gama Filho (UGF)

### **Resumo:**

Ao longo da história do jornalismo, o conceito de notícia não foi sempre igual ao que conhecemos hoje. No Brasil, nos anos da imprensa colonial, informação e opinião não eram vistos como conteúdos distintos; ambos faziam parte das notícias veiculadas pelos jornais. Mais adiante, na maior parte do período imperial e até o fim do século XIX, predominou um formato mais literário, em que também cabia ao jornalista se posicionar sobre os fatos dos quais tratava. Foi só a partir dos anos 1950 que as notícias de cunho informativo passaram a predominar e a opinião se tornou um conteúdo isolado em espaços específicos dos jornais.

A história do conceito de notícia é, neste ensaio, um caminho para a compreensão das narrativas de blogs jornalísticos de política – nos quais opinião e informação caminham novamente juntos, em textos sem normas definidas – como tema relevante de estudo do campo do jornalismo. Comentários e pequenos textos dos blogs dos jornalistas Ricardo Noblat, Josias de Souza e Jorge Bastos Moreno são postos em diálogo com textos de época do jornalismo brasileiro, na tentativa de estabelecer pontos de encontro e de desencontro entre o jornalismo de ontem e de hoje.

### **Palavras-chave:**

História da mídia digital, conceito de notícia, blogs políticos de jornalistas

*De forma simplificada, notícia é todo fato relevante que desperte interesse público, ensinam os manuais de jornalismo. Fora dos manuais, notícia na verdade é tudo que os jornalistas escolhem oferecer ao público.*

Ricardo Noblat, no livro *O que é ser jornalista*

## **Apresentação**

Este ensaio nasceu de uma pergunta que conduz a várias outras: os blogs de jornalistas políticos como Ricardo Noblat (*Globo Online*), Josias de Souza (*Folha Online*) e Jorge Bastos Moreno (*Globo Online*)<sup>1</sup>, produzidos num estilo livre e opinativo, e muitas vezes temperados por reminiscências pessoais, poemas e letras de música, entre outras referências de gosto e de vida, podem ser considerados jornalísticos? Os textos que eles produzem, veiculam e colocam em discussão na Internet são notícias? Colunismo transposto para a Internet? Ou um novo gênero narrativo que nada tem a ver com jornalismo?

Falar sobre a transformação do conceito de notícia, apontando mudanças do texto dos jornais, ao longo da história dessa mídia, foi o caminho escolhido para discutir as fronteiras entre o que é e o que não é jornalismo, hoje. E também para discutir a hipótese de que, ao valorizar um modo mais subjetivo de narrativa, os blogs estão, de algum modo, reaproximando o jornalismo brasileiro de suas origens. Outra hipótese em questão é que os paradigmas do jornalismo estejam se modificando, em paralelo ao (re)surgimento de outras formas narrativas, na Internet.

O próprio conceito de notícia não foi sempre igual. Nos anos da imprensa colonial, informação e opinião não eram vistos como conteúdos distintos por natureza; ambos faziam parte do conjunto de textos oferecido pelos jornais. Mais adiante, na maior parte do período imperial e até o fim do século XIX, predominou um formato mais literário, e também nesse momento cabia ao jornalista se posicionar sobre os fatos dos quais tratava. Até então, o jornalismo brasileiro sofria forte influência do modelo francês.

Somente a partir dos anos 1950, quando o Brasil incorporou o estilo americano de jornalismo, as notícias de cunho informativo passaram a predominar e a opinião tornou-se um conteúdo isolado em espaços específicos dos jornais. Como nos Estados Unidos, o

---

<sup>1</sup> Os três blogs ficam, respectivamente em: <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/>; <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/> e <http://oglobo.globo.com/pais/moreno/>.

jornalismo nacional adotou a ciência como metáfora e incorporou os ideais da objetividade e da neutralidade/imparcialidade. Passou a ser esperado do jornalista um distanciamento em relação a seu universo de referência; para ser tido como notícia, um texto de jornal não podia mais emitir nenhuma opinião de seu autor.

Para falar dessa trajetória foi feita a opção por estabelecer pontos de aproximação entre textos dos primeiros tempos do jornalismo no país e conteúdos dos blogs de Noblat, Moreno e Souza, nos quais informação e opinião caminham novamente juntos, num formato bastante livre. A escolha desses blogs está alinhada com a proposta de pensar inovações do jornalismo em espaços legitimados da imprensa. Os blogs escolhidos colocam em questão o jornalismo tradicional no seio de alguns dos grupos de mídia que, no Brasil, consolidaram suas práticas. Seus textos foram colhidos durante a fase de pesquisa de minha dissertação de mestrado, entre novembro de 2005 e novembro de 2006.

### **Os primórdios do jornalismo brasileiro**

Por razões históricas, os primeiros jornais do Brasil surgem quando a Europa já tinha quase 200 anos de história do jornalismo para contar. Entre o descobrimento do Brasil, em 1500, e a chegada da família real portuguesa ao país, em 1808, em fuga das tropas napoleônicas, há uma e outra iniciativa isolada de impressão de periódicos, liquidada em seu nascedouro por ordem da corte portuguesa. De acordo com Nelson Werneck Sodré (1999), é só com a vinda da corte que se configuram as condições políticas e econômicas necessárias ao nascimento do jornalismo brasileiro.

Apesar da diferença temporal entre o primeiro jornalismo europeu e o brasileiro, lá e cá os periódicos dessa fase apresentam várias características em comum, como o gosto pelos temas políticos e a liberdade de expressão. Tais características vêm à tona sobretudo a partir de abril de 1821, quando a família real retorna a Portugal.

O conceito de notícia é bastante abrangente no período. Cabem nos jornais textos informativos, mas prevalecem aqueles que são opinativos, críticos e redigidos num estilo pessoal. A pesquisa de Lustosa (2000) mostra que, no período pré-independência entre o princípio de 1821 e o fim de 1823 (quando a Assembléia Constituinte é fechada por D. Pedro I), a imprensa brasileira é lugar de intenso debate político sem regras definidas.

Antes desse período, contudo, outros periódicos que entraram para a história do jornalismo verde-amarelo já tinham na difusão de opinião política sua principal característica. Difundir suas próprias idéias acerca dos fatos políticos do período pré-independência era a proposta de Hipólito da Costa, o fundador do *Correio Braziliense* – jornal que, apesar de impresso em Londres, é considerado o marco inicial do jornalismo brasileiro, em 1808. Conta Sodré (1999, p. 22) que “o *Correio* era brochura de mais de cem páginas, geralmente 140, de capa azul escuro, mensal, doutrinário muito mais que informativo”. Notícia e opinião eram uma coisa só. O periódico ataca abertamente a administração portuguesa, como é possível observar no texto a seguir, de abril de 1820, discutindo o retorno da família real portuguesa do Brasil para Portugal.

Todo o sistema de administração está hoje arranjado por tal maneira que Portugal e o Brasil são dois Estados diversos, mas sujeitos ao mesmo rei; assim, a residência do soberano em um deles será sempre motivo de sentimento para o outro, a não se fazer mais alguma coisa. Nestes termos, a mudança de El-rei para a Europa trará consigo a mudança do lugar dos queixosos, mas não o remédio para os males. (Apud LUSTOSA, 2000, p. 65)

O redator defende abertamente uma posição política, como fazem, nos dias de hoje, os blogueiros políticos, em vários dos textos que publicam. Como na nota em que Ricardo Noblat declara abertamente, no blog, seu voto no primeiro turno das eleições presidenciais de 2006. Como Hipólito da Costa, Noblat toma partido e defende com ênfase seu ponto de vista.

#### **Este blog apóia Cristovam para presidente**

[...] Em momentos excepcionais, este blog sempre toma posição.

[...] Para suceder Lula, o blog apóia a candidatura de Cristovam Buarque do PDT.

Engenheiro e economista, Cristovam dedicou-se nos últimos 12 anos a fazer política. [...]

Também pesou na escolha feita por este blog o fato de o PDT do senador ser um dos poucos partidos que não se envolveram nos escândalos do governo Lula – mensalão, sanguessugas, vampiros, compra de dossiês etc...

Em desfavor de Cristovam se poderá dizer que é um sonhador. Que tem uma dezena de idéias por minuto – e que não consegue realizar a maioria delas, o que é natural.

Mas ele deixou o governo de Brasília com um índice de aprovação superior a 80%. E não se conhece uma única história que ponha em dúvida sua imagem de político digno e coerente. (Blog do Noblat, 27 set. 2006)

A proposta do *Correio Braziliense* contrasta com a da *Gazeta do Rio de Janeiro*, jornal oficial que começa a circular dois meses depois do *Correio*, sob a coordenação de um religioso, Frei Tibúrcio. “A *Gazeta* era embrião de jornal, com periodicidade curta, intenção informativa mais do que doutrinária, formato peculiar aos órgãos impressos do tempo, poucas folhas, preço baixo”, informa Sodré (1999, p. 22). Costumava limitar-se a reproduzir artigos publicados pela imprensa europeia mais conservadora.

O retorno de D. João VI a Portugal, em 1821, é sucedido pelo surgimento de uma série de jornais panfletários, como o *Revérbero*, o *Espelho* e a *Malagueta* – todos analisados por Lustosa na tentativa de correlacionar a luta política pela independência ao surgimento da imprensa no Brasil. A historiadora encontra nesses veículos um debate com “níveis de violência que incluíam o insulto, o palavrão, os ataques pessoais, as descrições deturpadas de aspectos morais ou físicos e até a agressão pessoal” (LUSTOSA, 2000, p. 16), mas também “um forte estímulo à participação democrática e, com ela, a emergência de estilos de escrita ricos, variados, originais” (id. *ibid.*, 2000, p. 17).

O texto a seguir, publicado pelo *Espelho* em dezembro de 1821, ilustra a ousadia dos redatores da época e evidencia que as notícias de jornais, em forma e conteúdo, já tiveram características muito distintas das apresentadas nos jornais impressos de hoje. O redator não se intimida em dizer que a autoridade máxima da nação, o rei D. João VI, não está em condições de dar conselhos, dada sua péssima reputação. Para ele, D. João merece palmatoadas (palmadas):

V. M. (Vossa Majestade) está mais em estado de receber conselhos do que os dar. E a sua refutação não é nada mais do que um aranzel de chocarrices, que não se ocupou senão de frioleiras, injúrias e ditérios, fazendo-se digno de ser flagelado com palmatoadas [...] (Apud LUSTOSA, 2000, p. 151)

A ousadia e o engajamento do redator do *Espelho*, nos primórdios da imprensa brasileira, o aproximam do estilo de Ricardo Noblat na nota a seguir, em que manda a

neutralidade às favas ao chamar de mentiroso e criminoso o então ministro da Fazenda Antônio Palocci. A nota foi escrita no dia em que Palocci, alvo de uma série de denúncias de corrupção, se afastou do cargo, no governo Luís Inácio Lula da Silva.

#### **Mentiroso e criminoso**

Que mentiroso esse Palocci.

Disse à CPI dos Bingos que jamais pôs os pés na alegre mansão alugada em Brasília pela turma da "República de Ribeirão" – onde rolaram festas íntimas e negócios suspeitos.

Um motorista, um corretor de imóveis e o caseiro Francenildo disseram que o viram lá muitas vezes.

Que criminoso esse Palocci.

Jorge Mattoso, presidente da Caixa Econômica, disse à Polícia Federal que entregou a Palocci o extrato da conta de Francenildo cujo sigilo fora quebrado.

Se não pediu a quebra do sigilo, Palocci deveria ter mandado prender Mattoso na hora. [...] (Blog do Noblat, 27 jun. 2006)

Como o redator do jornal planfletário, na nota a seguir Josias de Souza constrói um texto que mistura ironia e indignação para alardear o provável retorno do ex-presidente Fernando Collor de Mello à política brasileira. O tom coloquial do jornalista funciona como um recurso para explicitar a seus leitores que está dando uma opinião própria. (Em boa parte das notas mais informativas que publica, prevalece uma linguagem mais formal.) Souza abre o texto dizendo que o brasileiro é um “sujeito” otimista que está no meio de um “sururu”. E em vez de dizer que Collor está prestes a retornar à política, opta por dizer que está “na bica” de retornar. A ironia da última frase, quando escreve que será difícil o político vestir paletó sobre “as asas que lhe brotam nas costas”, arremata a parcialidade de seu posicionamento.

#### **Collor ameaça retornar ao Congresso Nacional**

O brasileiro, como se sabe, é um sujeito otimista. Nos momentos mais obscuros, consegue enxergar a luz no fim do túnel. Deve andar, porém, angustiado, sem saber o que fazer agora que, em meio ao sururu de mensaleiros e sanguessugas, roubaram o túnel. E quando se imaginava que o país atingira, finalmente, o caos político que persegue há 500 anos, descobre-se que a coisa ainda não se deteriorou o bastante. **O que vai de mal a pior pode ir de pior a muito pior ainda. Fernando Collor está na bica de retornar à política!** O ex-presidente almeja uma cadeira de senador por Alagoas. Decerto pôs na balança todas as perversões praticadas depois dele e achou que tem direito a uma segunda

chance. Tem gente que não gosta mesmo de ficar atrás. **Difícil para Collor será vestir o paletó por cima das asas de anjo que lhe brotam das costas.** (Nos bastidores do poder, 11 ago. 2006. Grifo nosso)

A leitura de textos de blogs nos chama a atenção também para um novo tipo de relação entre jornalista e leitor. O texto ressurgue como uma conexão direta entre quem produz e quem lê notícia, e esses papéis passam a se interpenetrar (MENDES, 2007). A novidade pode ser demonstrada por meio do uso de uma linguagem mais coloquial, como no caso do texto acima. Em alguns casos, fica ainda mais explícita essa nova relação. Como na nota a seguir, em que Jorge Bastos Moreno dá uma bronca pública em um dos leitores que habitualmente comentam seu trabalho na área de comentários do blog.

Atenção Sílvio Roberto, o insaciável, a maioria dos leitores já tá de saco cheio com o excesso de comentários seus. Eu já te pedi. Mas você não se emenda. Resuma tudo num comentário só, homem. Ou então crie um blog só pra vc. Eu não sou presidente da República, todos eles, que vacila para tirar ministro e quando tira ainda manda dizer que o demitido é que está pedindo demissão. Não, eu não ameaço. Se vc insistir, eu te demito do meu blog. [...] (Blog do Moreno, 18 ago. 2006)

Se nos jornais panfletários muitas vezes redatores e políticos se combatiam e insultavam publicamente por meio das páginas dos jornais (LUSTOSA, 2000), nos blogs essa discussão pública pode se dar *online* entre jornalista e leitor.

### **Com o *Jornal do Commercio*, desponta um novo estilo**

O ano de 1827 é considerado um marco da mudança de estilo dos jornais brasileiros. Foi quando foi fundado o *Jornal do Commercio*, num estilo bastante diferente do existente nos jornais panfletários. Segundo Ana Arruda Callado (2002), esse jornal – um dos poucos jornais de empresas na época – praticamente não emitia opinião. Seu forte eram as informações de interesse dos comerciantes, a exemplo de alguns jornais europeus dos séculos XVII e XVIII. A nota a seguir, de 1828, tem cunho meramente informativo. Já traz características do padrão jornalístico que só passará a predominar no jornalismo brasileiro após os anos 1950. O que mais destoa dos textos de hoje é o uso dos pronomes de tratamento S.M. (Sua Majestade) e Ilmo sr. (Ilustríssimo Senhor), que impõem certa

formalidade. Como se vê, o conflito entre a proposta de fazer um jornalismo isento e a idéia de que o jornalista pode e deve se posicionar está presente desde os primórdios do jornalismo brasileiro.

#### **Troca de comandos**

S. M. o Imperador D. Pedro II destituiu por motivos de saúde o Ilmo sr. José Manuel de Almeida, marechal-de-campo graduado e governador da Praça de Montevideú, e nomeou para substituí-lo o também marechal-de-campo Manuel José Rodrigues, ex-governador da Praça da Colônia do Sacramento, indicando ainda para auxiliá-lo o marechal-de-campo graduado José Cristóvão Callado. (*Jornal do Commercio*, Coluna “Há 175 anos”, 12 ago. 2003)<sup>2</sup>

O fim da fase artesanal da imprensa nacional coincide com a proibição ao tráfico negreiro, em 1850. Isso porque investimentos antes destinados à comercialização de escravos são liberados para a industrialização (ainda que de modo bastante incipiente). Máquinas movidas a vapor possibilitaram a impressão de formatos maiores de jornais e tiragens mais altas. É a partir daí que os jornais vão tornando-se empresas capitalistas.

#### **Inovações técnicas costumam mais a influenciar o jornalismo brasileiro**

As inovações técnicas ocorridas na Europa principalmente na segunda metade do século XIX, a começar pela invenção da rotativa<sup>3</sup>, exercem influência decisiva na transformação dos periódicos em produtos. Os jornais vão se tornando empresas capitalistas movidas a grandes máquinas e investimentos de vulto; a imprensa ganha espaço e torna-se mais popular em todo o mundo<sup>4</sup>. É quando se inicia a venda de espaços publicitários que garantirá, além da cobertura dos custos de produção, o lucro dos investidores. Com os anúncios ajudando a custear a produção, é possível reduzir os preços dos periódicos, facilitando o acesso de uma quantidade maior de pessoas ao produto.

Traquina (2002) observa que é nesse momento que as notícias se configuram sobretudo como produto jornalístico baseado em fatos em vez de opiniões, e ganham forma

<sup>2</sup> Texto publicado originalmente no *Jornal do Commercio* de 12 ago. 1828.

<sup>3</sup> Na época de Gutenberg, em meados do século XV, a tecnologia existente permitia a impressão de 50 páginas por hora; com as rotativas Marinoni, em 1871, tornou-se possível imprimir 95.000 páginas por hora. Dados de Nelson Traquina (2002, p. 23).

<sup>4</sup> Nelson Traquina (2002, p. 21) ressalta que, na França, o número de jornais aumentou de 49, em 1830, para 220 em 1881. As tiragens passaram de 34.000, em 1815, para 2.500.000 em 1880.



os conceitos de atualidade, objetividade, neutralidade, que virão a se tornar paradigmáticos da atividade jornalística.

Os avanços na rapidez de transmissão da informação, em particular a partir da invenção do telégrafo, em 1866, influenciam o surgimento de uma nova forma narrativa para os textos jornalísticos. Passa a ser desejável que eles sejam enxutos e objetivos, mais facilmente transmissíveis pelo novo aparelho. Essa nova maneira de narrar, bem como um conjunto de novos valores da profissão, ajuda a garantir que os jornalistas, agora sob a pressão de uma produção acelerada no ritmo industrial, consigam transformar de forma muito rápida acontecimentos em notícias.

Além dos avanços tecnológicos, outros fatores são fundamentais para a expansão da imprensa na Europa, entre os quais o fortalecimento da economia, a partir da consolidação da atividade industrial, a urbanização e a escolarização das massas (TRAQUINA, 2002).

No Brasil, contudo, a história é um pouco diferente. Na segunda metade do século XIX, quando começou a se desenvolver a imprensa capitalista na Europa e nos Estados Unidos, o país ainda era pouco urbanizado e industrializado – o que explica em boa medida por que os jornais levaram mais tempo para alcançar uma penetração maior.

Até meados do século XX, o jornalismo brasileiro ainda foi marcadamente literário. (SODRÉ, 1999)<sup>5</sup>. Alguns dos principais escritores do país trabalhavam em redações, exercendo diversas funções. Mesmo os que não tinham o jornalismo como profissão, costumavam ter interesse em publicar contos ou romances em forma de folhetim. José de Alencar, por exemplo, foi redator-chefe do *Diário do Rio de Janeiro* e publicou seu primeiro romance, *Cinco minutos*, em capítulos. Foi também sob o formato de folhetim – seção lançada com grande sucesso na época – que o autor publicou os romances *O guarani* e *A viúva*, algumas de suas mais importantes obras. Machado de Assis, Joaquim Manuel de Macedo e Euclides da Cunha, este já no início do século XX, também tiveram algumas de suas obras mais importantes impressas em capítulos, nos jornais.

---

<sup>5</sup> O autor explica que a primeira fase do jornalismo no Brasil foi predominantemente política e a segunda, literária. Não houve aqui, como na Europa, uma fase político-literária.

Callado (2002) destaca que uma grande mudança estilística ocorre em 1877, quando o *Jornal do Commercio* publica os primeiros telegramas com notícias enviadas de Londres pela agência internacional de notícias Hava-Reuters.

### **No século XX, a era dos monopólios**

O chamado jornalismo dos monopólios nasce no século XX no Brasil e no mundo (MARCONDES FILHO, 2000). O início do século marca uma época de ouro para os jornais do ponto de vista das tiragens<sup>6</sup>; o fim, uma fase de crise e declínio. É nesse período que surgem o rádio e a televisão – meios que alcançam uma penetração jamais atingida pela imprensa escrita e que passam a disputar a preferência do público como meio de informação e entretenimento.

Como o investimento necessário para criar, manter e distribuir um grande jornal torna-se aos poucos cada vez mais elevado, com as constantes inovações tecnológicas, vai diminuindo o número dessas publicações em toda parte. Considerável número dos jornais de peso é ligado a outras empresas de comunicação. Nos Estados Unidos, cria-se o conglomerado Hearst; na Inglaterra, o Northclyff; na Alemanha, Ullstein e Mosse (MARCONDES FILHO, 2000). No Brasil, nascem as Organizações Globo.

O jornalismo se firma como força industrial, no país, exatamente na década que marca a metade do século, a de 1950. Ana Paula Goulart Ribeiro (2002), que estudou a reformulação da imprensa brasileira, no período, sob a influência do modelo norte-americano, destaca: “No cerne desse processo, estava a incorporação do ideal da objetividade, que se formalizou em uma série de procedimentos técnicos de redação (*lead*, pirâmide invertida, *copydesk*, *style books* etc.)” (RIBEIRO, 2002, p. 285). A nota a seguir, publicada em 1953, exemplifica o novo estilo. Já está claramente formatada no modelo que prevalece hoje na grande imprensa; segue a estrutura do *lead* clássico<sup>7</sup>:

<sup>6</sup> O jornal *Le Petit Parisien* tinha tiragem de 1,5 milhão de exemplares em 1914. O entreguerras marca o fim dessa idade de ouro, na Europa, segundo Marcondes Filho (2000).

<sup>7</sup> Os manuais de jornalismo ensinam que o primeiro parágrafo da notícia jornalística, o *lead*, deve responder a seis perguntas principais: *quem*, *fez o que*, *como*, *quando*, *onde* e *por que*.

### **Adhemar é candidato**

São Paulo, 17 – Dirigente do PSP, o sr. Adhemar de Barros declarou que seu partido está em condições de apresentar candidato próprio à Presidência da República, no próximo pleito de 1954. O ex-governador paulista disse não ver motivos ponderáveis para afastar sua candidatura ao mais alto cargo da República. Quanto ao Governo estadual, declarou: "Somente serei candidato ao governo de São Paulo, em situação muito especial. Nesse caso renunciarei à minha candidatura à Presidência da República. (*Jornal do Commercio*, coluna "Há 175 anos", 17 e 18 set., 2003)

Nesse período, muitos dos escritores que produziam textos literários para os jornais brasileiros vão aprender nos Estados Unidos as novas técnicas. É a partir daí que o estilo jornalístico passa a ser marcado, também no Brasil, "pela impessoalidade, o distanciamento enunciativo em relação ao universo de referência" (RIBEIRO, 2002, p. 285). Criticada por muitos autores, essa americanização da imprensa coincide com a fase em que o jornalismo, no Brasil, vai deixando de ser uma ocupação secundária na vida dos profissionais de imprensa e ganha legitimidade. Nessa época surgem as primeiras escolas de jornalismo do país.

Como mostra a autora, o modelo do jornalismo informativo se impõe definitivamente no país na década seguinte, favorecido pelo processo de concentração que liquida pequenos diários políticos. Ela ressalta que, sob as novas condições do mercado, os ideais da objetividade e da neutralidade suplantaram os da opinião e do julgamento crítico. Aos poucos, a imprensa transforma-se numa "comunidade discursiva própria e cria as condições sociais da sua eficácia". Dessa forma, torna-se ator social conhecido, de fala autorizada perante a sociedade daí para a frente.

### **Novas mudanças com a chegada da Internet**

A chegada da Internet no Brasil para uso comercial, em meados dos anos 1990<sup>8</sup>, pega a imprensa brasileira num momento difícil. A proliferação de jornais *online* oferecendo noticiário fresco e gratuito todos os dias, o dia todo, acaba representando uma concorrência pesada que esses veículos ainda estudam como enfrentar. Uma forte indicação disso é que, freqüentemente, os jornais estampam em suas manchetes, sem mudança significativa de abordagem, assuntos destacados durante todo o dia anterior em suas

<sup>8</sup> No fim dos anos 1980, a Internet já estava presente no Brasil, mas tinha uso restrito a instituições de pesquisa.

próprias edições *online*. Esses assuntos chegam “velhos” à significativa parcela de seus leitores que lê jornais na Internet<sup>9</sup>.

Há um certo consenso em torno da idéia de que, para continuar a existir, o jornal impresso terá de investir num texto mais interpretativo e analítico, que aponte as implicações das notícias na vida dos leitores. Como procuram fazer alguns dos principais blogs políticos do país.

A crise dos jornais impressos tem sido destacada por diversas perspectivas. Ciro Marcondes (2000) vê um excesso de fragmentação da notícia e uma falta de “fio condutor” que demonstraria certo menosprezo pela capacidade do leitor; Pierre Bourdieu (1993) critica severamente a superficialidade com que os assuntos são tratados. Fernando Resende (2002) observa que, no contexto brasileiro, prevalecem na grande imprensa textos “atrofiados” – narrados sem a preocupação de expor o contexto dos acontecimentos, as tramas que os teceram<sup>10</sup>. Em geral, os autores concordam que o modelo de notícia da chamada era da informação ainda não se diferencia significativamente daquele criado nos anos 50, por influência do jornalismo americano.

Os textos dos blogs jornalísticos fogem a esse padrão vigente e, em muitos momentos, se aproximam de formas de jornalismo que antecedem a fase em que o padrão informativo passa a predominar. Esses veículos foram deixando de ser utilizados apenas como diários<sup>11</sup> de Internet, mas não perderam o tom pessoal como característica. Mesmo em blogs vinculados a grandes empresas de comunicação, os jornalistas se colocam a partir de uma perspectiva pessoal, de uma forma diferente da que predomina nos principais jornais. O *que se diz e como se diz* encontram um formato novo nessa ferramenta da Internet.

## Considerações finais

---

<sup>9</sup> Pesquisa realizada no primeiro semestre de 2005, em nove mercados do Brasil, por encomenda da Associação Nacional de Jornais, mostra que 48% dos leitores de jornais lêem jornais impressos e *online*. Disponível em <http://www.anj.org.br/jornalanj/?q=node/676>

<sup>10</sup> O autor contrapõe a esses textos as chamadas narrativas de resistência que, embora publicadas em jornais que se baseiam no modelo de jornalismo que o Brasil importou dos Estados Unidos nos anos 50, conseguem se diferenciar pela forma como abordam os assuntos.

<sup>11</sup> Segundo a revista Wired, o termo *blog* é de 1997 e nasceu a partir da união das palavras *web* (rede) e *log* (diário de bordo).

À primeira vista, muitos dos textos veiculados por alguns dos principais blogs ligados a empresas jornalísticas do país poderiam não ser considerados como notícia, uma vez que não expressam a objetividade jornalística ou a neutralidade esperadas num texto dessa natureza. Recorrendo a definições mais tradicionais, também não seria possível considerar como notícia um poema, a letra de uma música, um *insight*, um comentário sobre uma manifestação de um leitor ou um texto rememorando acontecimentos passados – muitos dos quais desafiam paradigmas do jornalismo, como a própria noção de atualidade.

Só que o contexto em que são veiculados muitas vezes aponta para uma reconfiguração do sentido desses textos em outras bases. Como no dia em que, em vez de dizer que o então ministro da Fazenda Antônio Palocci se afastaria do governo, o jornalista-blogueiro Jorge Bastos Moreno passou o dia todo colocando no ar letras de canções de despedida. Não estará a realidade desses novos veículos de notícias indicando uma necessidade de se repensar certos pontos de vista sobre a teoria do jornalismo? Que conceito de notícia se aplica nesse novo veículo?

Ao assinalar algumas das transformações desse conceito, nessa rápida viagem pela história do jornalismo, o objetivo deste ensaio foi pensar o conteúdo dos blogs a partir de uma concepção de jornalismo dinâmica, sujeita a revisões ao longo do tempo. Talvez nem tudo que os blogs de Noblat, Souza e Moreno veiculam possa ser considerado notícia. Por outro lado, é possível que vários dos textos que, à primeira vista, não parecem notícias, possam ser assim considerados, se compreendermos notícia como um conceito em revisão nesse novo veículo, de características tão peculiares.

Chegamos a um conceito amplo do que seja notícia, nas bases propostas pelo historiador Robert Darnton (2000), em suas pesquisas sobre a imprensa francesa nos anos que antecederam a revolução de 1789. Notícias são relatos de algo que aconteceu, independentemente de seu formato ou modo de disseminação. Assim como as fofocas sobre a corte registradas nos cafés parisienses do século XVI são notícias, para Darnton, podem também ser notícias as narrativas dos blogs aqui estudados, mesmo quando escritas do modo mais heterodoxo, sobre assuntos que não se enquadram nos critérios de noticiabilidade da mídia tradicional.

No processo de mudanças que o jornalismo atravessa, parece-nos factível imaginar que os blogs contribuirão de modo significativo para uma renovação do jornalismo impresso. À medida que ganham popularidade, conquistam novos leitores e, vez por outra, têm textos republicados nos jornais dos grupos jornalísticos que integram, esses veículos vão aos poucos sendo mais assimilados, tanto em linguagem como em abordagem, pelos jornais tradicionais. As fronteiras do jornalismo e da notícia estão cada vez mais esfumaçadas.

### Referências bibliográficas

ADGHIRINI, Zélia. Jornalismo Online: em busca do tempo real. In: HORLFEIT, Antonio; BARBOSA, Marialva (Orgs.). *Jornalismo no século 21: a cidadania*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

CALLADO, Ana Arruda. O texto em veículos impressos. In: CALDAS, Álvaro (Org.). *Deu no jornal: o jornalismo impresso na era da internet*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio/Edições Loyola, 2002.

DARNTON, Robert. Rede de Intrigas. *Folha de S.Paulo*, Caderno Mais, 30 jul. 2000.

LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Ática, 1985.

LUSTOSA, Isabel. *Insultos impressos: a guerra dos jornalistas na independência*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker, 2000.

MENDES, Larissa de Moraes Ribeiro. Outras práticas, outra narrativas: jornalismo em transformação nos blogs de notícias. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), fev. 2007.

MORETZSOHN, Silvia. *Jornalismo em "tempo real": o fetiche da velocidade*. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. São Paulo: Contexto, 2006.

RESENDE, Fernando. *Olhar às avessas: a lógica do texto jornalístico*. Tese (Doutorado em Comunicação). 2002. 239 p. Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Memórias de jornalista: um estudo sobre o conceito de objetividade nos relatos dos homens de imprensa nos anos 50. In: FRANÇA, Vera. *Livro XI Compós 2002: estudos de comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TRAQUINA, Nelson. *O que é jornalismo*. Lisboa: Quimera, 2002.